



**Educação,
Formação &
Crioulidade**

6 e 7 de julho
em Cabo Verde

MÉTODO CLÍNICO: ESTUDO DA MORAL AMBIENTAL EM CRIANÇAS QUILOMBOLAS

Juliana Berg

Carla Luciane Blum Vestena

APRESENTAÇÃO

- O presente trabalho traz reflexões preliminares de estudo teórico e exploratório por método clínico realizado em escolas da Colônia Vitória, município de Guarapuava, estado do Paraná, Brasil que recebem crianças advindas da comunidade quilombola Invernada Paiol de Telha. Pretende-se refletir sobre esse método por meio da compreensão moral ambiental dessas crianças quilombolas.

APRESENTAÇÃO

- Baseados na obra do autor construtivista Jean Piaget e considerando a percepção ambiental como parte da conexão existente entre a formação do juízo moral e dos valores quilombolas que são construídos de forma a existir uma compreensão do meio ambiente enquanto meio onde há uma relação dinâmica de troca. Entende-se que o método clínico viabilizou essa análise quando colocou em movimento o pensar infantil ativando o julgamento moral para as questões ambientais e também quando evidenciou o silêncio por opressão vivida pelas meninas da comunidade.

Juízo Moral da Criança, segundo Jean Piaget

CONCEITO

- A construção da autonomia moral e ética é possível a todos os indivíduos, pois é fruto de sua gênese (PIAGET, 1932).
- Ela depende de muitos fatores como um crescimento orientado, um processo de construção operacional equilibrado e adequado à faixa etária da pessoa e principalmente da interação e mediação com o meio e tudo que nele habita.
- Para Piaget (1932, p.279),
A moral da autoridade, que é a moral do dever e da obediência, conduz, no campo da justiça, à confusão do que é justo como o conteúdo da lei estabelecida e aceitação da sanção expiatória. A moral do respeito mútuo, que é a do bem (por oposição ao dever) e da autonomia, conduz, no campo da justiça, ao desenvolvimento da igualdade, noção constitutiva da justiça distributiva, e da reciprocidade.

MORALIDADE

- existem três tendências morais possíveis no que se refere ao desenvolvimento moral da criança definidas por Piaget (1932):
 - A anomia é a ausência total de autonomia, o que nos leva a pensar que a moral não é inata;
 - A heteronomia desenvolvida por uma relação de coação é relacionada ao respeito unilateral às regras; e
 - A autonomia é viabilizada pelo respeito mútuo, pela cooperação nas relações, construída num processo de interação da criança com o meio, ou seja interiorizada.

Piaget descobriu

- crianças pequenas até 3 anos de idade jogam individualmente e apenas percebem as peças e o espaço do jogo, mas aleatoriamente brincam da forma que quiserem. Testam mais a interação motora não se preocupando com as regras sociais ou individuais.
- crianças de 3 a 6 anos de idade utilizam-se da vivência coagida no seu cotidiano e reproduzem os maiores durante o seu jogar, ao mesmo tempo em que buscam novas alternativas que atendam a seu interesse pessoal, uma característica egocêntrica que também influencia sua capacidade de jogar individualmente, como se mesmo jogando juntos as regras fossem individuais.

Piaget descobriu

- Entre 7 e 10 anos as crianças percebem que jogar sozinho, para si, causa conflito e começam a se organizar para o jogo, começam a entender a necessidade da regra e criam meios de controle mútuo, o que Piaget chamou de cooperação nascente.
- Após os 11 anos de idade as regras ganham mais importância, pois as crianças percebem sua utilidade e necessidade do ponto de vista da justiça fazendo questão de utilizar seu tempo de jogo para o detalhamento das regras para discussão de novas situações que vão acontecendo durante o jogar.

PARA PIAGET (1932)

- a prática da regra leva a consciência e o conhecimento não é uma cópia da realidade. Conhecer um meio, conhecer um acontecimento não é simplesmente olhar para ele e ter uma cópia ou imagem mental, tal como ele.
- Conhecer um meio é agir sobre ele, conhecer é modificar, transformar e entender o processo dessa transformação e como consequência entender como o meio é construído.

Crianças Quilombolas e seus Valores Morais

CONCEITO

- O termo quilombo tem assumido novos significados na literatura especializada e também para grupos, indivíduos e organizações. Vem sendo ressemantizado para designar a situação presente dos segmentos negros em regiões e contextos do Brasil. Contemporaneamente, quilombo não se refere a resíduos ou resquícios arqueológicos de ocupação temporal ou de comprovação biológica. Não se trata de grupos isolados ou de população estritamente homogênea, nem sempre foram constituídos a partir de movimentos insurrecionais ou rebelados. Sobretudo consistem em grupos que desenvolveram práticas cotidianas de resistência na manutenção e na reprodução de seus modos de vida característicos e na consolidação de território próprio. A identidade desses grupos não se define por tamanho e número de membros, mas pela experiência vivida e as versões compartilhadas de sua trajetória comum e da continuidade como grupo. Neste sentido, constituem grupos étnicos conceitualmente definidos pela antropologia como um tipo organizacional que confere pertencimento por meio de normas e meios empregados para indicar afiliação ou exclusão. (O'DWYER, 1995, p. 2).

PAIOL DE TELHA HOJE

- No estado do Paraná, sul do Brasil, segundo a Fundação Cultural dos Palmares, existem aproximadamente 86 comunidades quilombolas, 37 já certificadas.
- Na região centro-sul do estado próximo ao município de Guarapuava estima-se que existam aproximadamente cinco comunidades, sendo apenas a Comunidade Invernada Paiol de Telha reconhecida.



PAIOL DE TELHA HOJE

- Paiol de Telha está atualmente dividida. Expulsos de suas terras, parte dos quilombolas vivem em localidades próximas, reagrupadas em quatro núcleos: Barranco (localizado às margens da área original, em Reserva do Iguaçu), nos municípios de Pinhão e Guarapuava, e em um assentamento da reforma agrária, em Distrito de Entre Rios, na chamada Colônia Vitória onde os habitantes em grande maioria são de descendência alemã Suábica, da região do Danúbio.



AUSÊNCIA DE ESCOLA NA COMUNIDADE

- Crianças quilombolas se deslocam para estudar na colônia suábica;
- Uma troca de culturas provoca o enxergar seu lugar de forma diferente dos demais, que não é apenas uma questão ponto de vista, mas uma construção que depende de muitos fatores;
- Para a criança quilombola, mesmo que ela ainda não perceba assim, seu espaço é sua matriz africana e seu lugar é a comunidade quilombola.
- No Brasil, o contexto escolar dessas comunidades é motivo de muitas discussões e ajustes, visto que muitas das crianças e adolescentes remanescentes não possuem escolas na comunidade onde vivem, tendo que estudar nas proximidades.

MÉTODOS CLÍNICOS

SOBRE O MÉTODO

- Foi Piaget (1932) quem deu um novo sentido ao método clínico ao utilizá-lo e adaptá-lo em pesquisas com crianças analisando seus processos cognitivos com relação às representações de mundo, de espaço, de real, de construção da inteligência, de julgamentos morais, de noções de justiça, dentre outros.
- Segundo Delval (2002, p. 53) “Piaget teve o mérito de convertê-lo em procedimento geral para penetrar nos recônditos do funcionamento da mente humana”. Para ele este método clínico é utilizado para o estudo do pensamento da criança através de procedimentos de coleta e análise de dados. Para Campos (1932), somente o método clínico permite propor problemas, formular hipóteses, controlar cada uma delas, pondo-as em contato com as reações provocadas pela conversa.

COMO ACONTECEU A PESQUISA

- Esta pesquisa aconteceu em Escola Estadual, Nível Fundamental II, com 30 meninos e meninas, idade entre 10 e 12 anos, sendo parte da colônia e parte da comunidade quilombola. Foram realizadas exibições de vídeos ambientais de curta duração, sendo que em seguida foram colocadas situações dilema, quando as crianças receberam informações a respeito da poluição das águas e morte de animais silvestres, bem como a destinação do lixo e a coleta seletiva. As crianças foram questionadas sobre qual a melhor solução para a questão proposta, por interrogatório individual no coletivo da sala de aula.

COMO ACONTECEU A PESQUISA

- Durante a coleta procurou-se acompanhar o pensamento do sujeito realizando novas perguntas/ações tentando compreender de que forma a criança representava ou organizava seus pensamentos e ações, o que possibilitou análise da compreensão do que é real, exposto pelos meios de comunicação, do que é intrínseco ao sujeito de pesquisa, seus valores e sua cultura. Com isso, pôde-se compreender como se deu a interpretação pelas crianças.

COMO ACONTECEU A PESQUISA

- Optou-se por executar a pesquisa em sala de aula por ser esse um ambiente comum de escolarização para as crianças quilombolas e por estarem em convivência com outras crianças que não da comunidade o que evidenciaria o quanto seus valores se mantem em ambiente cultural adverso.
- As ações foram analisadas conforme cita Delval (2002), considerando o sujeito como único, que é uma unidade e que tem coerência interna, porém não se centra no peculiar e sim no universal desta criança como sujeito epistêmico, um sujeito que produz conhecimentos.
- As reflexões foram feitas a partir de um protocolo de intervenção onde foram colocadas situações dilema a partir de questões que orientaram a coleta dos dados.

METODOLOGIA

- Estudo Qualitativo Exploratório Transversal;
- pois estuda diferentes grupos de crianças com idades distintas verificando quais são as condutas e atitudes comuns a elas, permitindo o acompanhamento da evolução dos dados em um período de tempo restrito examinando um grande número de sujeitos (DELVAL, 2002).

RESULTADOS

- Na escola, de modo geral as crianças receberam bem o dilema, aceitaram participar dos questionamentos propostos e demonstraram o desenvolvimento de seu julgamento moral em acordo com sua faixa etária, como preconizado por Piaget (1932).
- Pudemos perceber que a cada colocação as crianças refletiam e se esforçavam para encontrar a melhor solução até que chegaram ao cerne do dilema que foi a produção do lixo. Ao acionarmos a capacidade de reflexão também possibilitamos a capacidade criativa, que motivou ainda mais as crianças para participação.

RESULTADOS

- Constatou que o conhecimento das crianças é preliminar relacionado ao processo de resíduos sólidos e dos danos que esses causam ao meio ambiente. O conhecimento que predomina sobre os resíduos sólidos é estanque, ou seja se limita a fases isoladas e à distinção dos objetos (PIAGET, 1932).
- Não há compreensão do processo sistêmico de decomposição dos resíduos sólidos, lançados em locais impróprios e também das características específicas de decomposição de cada matéria (alimentos, papel, garrafa PET e vidro). Elas ainda vêem as coisas de forma atomística, Piaget (1976), isto justifica porque há quantidade de alunos com conhecimento ambiental “preliminar” sobre o meio ambiente (VESTENA, 2011).

RESULTADOS

- Percebemos que as crianças pesquisadas têm consciência sobre diversas questões do meio ambiente, portanto conheciam os danos causados pela poluição. Grande parte das crianças conhecia os materiais e processos que são usados para dar origem ao papel, plástico, etc. e afirmaram que faziam a reciclagem dos mesmos, além disso o lixo orgânico, segundo elas é usado para adubo de hortas.
- Não houve interferências das professoras, dessa forma as crianças responderam espontaneamente e demonstraram grande interesse pelo vídeo e pelas perguntas do interrogatório, participando e comentando livremente, exceto as meninas quilombolas que sob os olhares censuradores das outras crianças, em especial dos meninos brancos da colônia, calavam-se. Algumas vezes parecia que haveria manifestação, mas, isso não se concretizou (grifo nosso).

RESULTADOS

- Para as meninas quilombolas, que estão se subordinando à coação do professor, como também pela coerção percebida pelos demais alunos em sala de aula, nesta relação, o comportamento que acaba por ser manifestado por elas é o de enganação, imitação ou conformismo, pois elas se mantiveram em silêncio. A fundo, segundo Munari (2010), Piaget "propõe uma escola sem coerção, na qual o aluno é convidado a experimentar ativamente, para reconstruir por si mesmo, aquilo que tem de aprender." (MUNARI, 2010, p.18)
- Nesse sentido o método clínico adaptação para o coletivo se demonstrou meio importante de localizar o movimento do conhecimento das crianças em sala de aula, como também meio de evidenciar o silêncio e a partir dele o entendimento.

Referências Bibliográficas

- BRASIL, Casa Civil. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: 1988.
- BRASIL. Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial – SEPPIR. I Plano Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais de Matriz Africana. Brasília: 2013.
- BRASIL. MEC - Ministério da Educação. SEPPIR - Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Saberes e fazeres, v.3: modos de interagir / coordenação do projeto Ana Paula Brandão. - Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006.
- BRASIL. MEC - Ministério da Educação. SEPPIR - Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Saberes e fazeres, v.2: modos de sentir / coordenação do projeto Ana Paula Brandão. - Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006.
- BRASIL. MEC - Ministério da Educação. SEPPIR - Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Saberes e fazeres, v.1: modos de ver / coordenação do projeto Ana Paula Brandão. - Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006.
- CAMPOS, D. M. de S. Introdução a pesquisa em psicologia: aspectos metodológicos. Petrópolis: Vozes, 1932.
- CARRAHER, T. N. O método clínico: usando os exames de Piaget. São Paulo: Cortez, 1994.
- DEVAL, Juan. Introdução à Prática do Método Clínico, descobrindo o pensamento das crianças. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- FACHIN, O. Fundamentos de Metodologia. 5ª ed. São Paulo: Saraiva, 2006.
- FERREIRO, Emilia. Reflexões Sobre Alfabetização. São Paulo: Cortez, 2000.
- LA TAILLE, Yves de. Moral e Ética: dimensões intelectuais e afetivas. Porto Alegre: Artmed, 2006.

Referências Bibliográficas

MONTOYA, A. O. D. Contribuições da Psicologia e Epistemologia Genéticas para a Educação. In: Introdução à Psicologia da Educação: seis abordagens. p. 157-185. São Paulo: Avercamp, 2004.

MOURA, G. Aprendizado nas Comunidades Quilombolas: Currículo Invisível. In: Dimensões da inclusão no ensino médio: mercado de trabalho, religiosidade e educação quilombola. Brasília : 2006.

MUNARI, A. Jean Piaget. Coleção Educadores. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

O'DWYER, Eliane Cantarino (Org.). Terra de quilombos. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Antropologia, 1995.

PIAGET, Jean. O julgamento moral da criança. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1932.

_____. Cinco Estudos de Educação Moral... | et al | organizador Lino de Macedo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

_____. Epistemologia Genética e Pesquisa Psicológica. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1974.

_____. Introduction à epistemologie génétique. II. La pensée physique. Paris: Presses Universitaires de France, 1949.

SASSO, B. A.; DE MORAIS, A. O Egocentrismo Infantil na Perspectiva de Piaget e Representações de Professoras. Scheme, Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genética. Volume 5 Número 2. p.24 - 51. Ago-Dez/2013.

Disponível em: www.marilia.unesp.br/scheme. Acessado em: 10/11/2014.

SCOTT, J. Gênero: Uma Categoria Útil de Análise Histórica. Revista Educação e Realidade. n. 20, p. 71-99. Porto Alegre: 1995.

VESTENA, Carla Luicane Blum. Piaget e a Questão Ambiental: sujeito epistêmico, diagnóstico e considerações educacionais. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.